



A CAMPANHA DO KOSOVO

Testando novas doutrinas

Cel.-Av. Orlanil Mariano Lima de Andrade

Em 1999, uma vez mais, a longa herança de ódio entranhada nos Balcãs veio à tona e ensangüentou aqueles campos e montanhas. A província do Kosovo entrou na alça de mira do governo iugoslavo: a população de origem albanesa foi alvo de um programa de “limpeza étnica”; execuções e expulsões tornaram-se rotina, desestabilizando a região e fazendo com que os países europeus, acompanhados pelos Estados Unidos, resolvessem intervir, pressionando o governo de Milosevic para cessar as hostilidades contra os kosovares de origem albanesa.

Frente à recusa de Milosevic, a OTAN montou a Operação Allied Force, com um objetivo claro: parar o massacre. A meta era degradar e infligir danos à estrutura militar e de segurança empregada pelo Presidente

Milosevic para expulsar a população de origem albanesa da província do Kosovo. Levando em consideração aspectos geográficos e estratégicos, a coalizão decidiu pelo emprego do Poder Aeroespacial, evitando colocar tropas no terreno, expostas a combates encarniçados e consideráveis baixas.

A Operação Allied Force consistia, essencialmente, em lançar ataques aéreos contra alvos selecionados na Iugoslávia, até que esta adotasse as seguintes ações: sustar a violência contra os kosovares de origem albanesa; retirar do Kosovo suas forças militares, policiais e paramilitares; aceitar a presença de uma força militar internacional naquela província; permitir o retorno de refugiados; e participar efetivamente de negociações sobre o destino do Kosovo.





Figura 1: Baterias antiaéreas nos céus de Belgrado

O primeiro ataque da Allied Force ocorreu em 24 de março de 1999, sendo que em 10 de junho de 1999 foi suspenso o bombardeio (Figura 1). A campanha empregou 650 aviões americanos e 277 de outros países europeus. No mar, uma frota de 30 vasos de guerra, incluindo três porta-aviões, estabelecia uma força de bloqueio e desfechava ataques contra alvos em terra.

A aliança defrontou-se com a máquina militar iugoslava, dotada de 240 aviões de combate e 48 helicópteros. Faziam parte desse inventário caças MiG-21 e MiG-29. Cerca de 100 mísseis, incluindo SA-2, SA-3, SA-6, SA-7 SA-9, SA-13, SA-14 e SA-16, compunham a defesa antiaérea, reforçados por 1850 canhões.

Para os americanos, a Operação Allied Force consolidou o conceito de “força expedicionária aeroespacial”, centrada na capacidade de deslocar uma apreciável parcela de poder combatente desde suas sedes originais até qualquer ponto do globo, executar sua missão e retornar com rapidez. Na

operação, a Força Aérea dos Estados Unidos estabeleceu mais de 20 “bases expedicionárias”, assegurando apoio ininterrupto às ações militares.

Um dos principais pontos do conceito de “força expedicionária” reside na preocupação em reduzir, como possível, o tempo de afastamento do pessoal militar de suas bases-sede e, em consequência, de suas famílias. Além de economizar gastos, isso proporciona um aumento no moral da tropa, visto que o efetivo da USAF tem sido submetido a constantes deslocamentos nos últimos anos.

Os sistemas logísticos funcionaram de maneira impecável. As unidades estimaram as necessidades de peças de reposição, os parques aceleraram seus processos e os fornecedores aumentaram a entrega de itens. Frequentemente, as peças de reposição eram enviadas às unidades no TO dentro de um prazo de dois dias, empregando a aviação comercial. Incontestavelmente, isso permitiu



uma boa disponibilidade: as aeronaves mais antigas conseguiam atingir 85% de disponibilidade, enquanto as mais novas propiciaram índices ainda maiores.

Com a aviação pronta para o combate, as unidades podiam executar as ações de sua responsabilidade, levando a destruição à Iugoslávia. Com tripulantes e equipes de terra treinados e bem apoiados em bases seguras; bombas, mísseis e equipamentos eletrônicos nas prateleiras e um detalhado planejamento operacional, fundamentado no conhecimento do TO proporcionado pelas atuações anteriores, os esquadrões da aliança européia estavam com o dedo no gatilho. Sua missão era quebrar a resistência do governo de Milosevic, forçando-o a atender às imposições da OTAN. Sem dúvida, isso eles fizeram.

A campanha aérea na Iugoslávia teve muitos pontos em comum com a Guerra do Golfo. A supremacia aérea dos aliados repetiu-se: a combinação arrasadora de AWACS, reabastecimento em voo e caças altamente letais, como o F-15 Eagle e o F-16 Fighting Falcon, banuiu dos céus a aviação militar sérvia. Para tentar compensar essa fundamental inferioridade, os sérvios

recorreram maciçamente à artilharia antiaérea, infernizando a vida dos tripulantes aliados e conseguindo abater algumas aeronaves inimigas, entre as quais um F-117 Nighthawk, quebrando o tabu que envolvia esse furtivo avião.

Mais uma vez, a formidável máquina de guerra da OTAN exibiu seus músculos. Uma força multinacional afiada e polida em décadas de treinamento conjunto demonstrou soberba capacidade de operação integrada, assestando golpes que pareciam provenientes do mesmo cérebro. A guerra da informação desencadeou-se, fazendo girar e acelerar os ciclos decisórios, escolhendo alvos, atacando-os com rapidez, avaliando os resultados e redirecionando seu poder de devastar e de eliminar.

Os céus da Iugoslávia viram guerra, no primeiro dia da Operação Allied Force, através de ataques que deixaram bem clara a prioridade adotada pelas forças da OTAN: os alvos consistiram de 23 baterias antiaéreas, 12 instalações de comando e controle, 2 locais de concentração de tropas e 1 instalação logística. A Figura 2 apresenta os objetivos do primeiro dia da campanha.

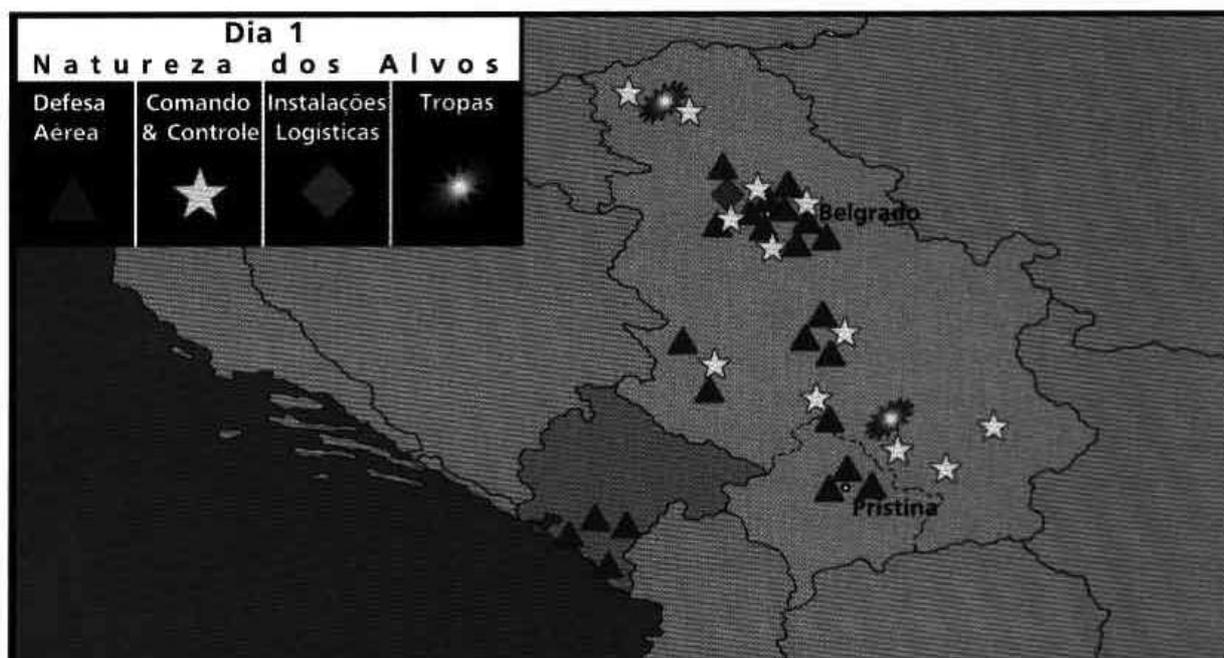


Figura 2: Objetivos do primeiro dia da campanha

É evidente que americanos e europeus já esperavam que os sérvios não fossem recorrer à sua aviação de combate: verifica-se que as pistas não foram atacadas. No entanto, a preocupação com a artilharia antiaérea foi patente. A Inteligência deve ter trabalhado muito naqueles dias; nada como um vasto repertório de informações atualizadas para orientar o rumo da guerra...

Na verdade, entender o que está acontecendo durante um grande conflito não é fácil. Frequentemente isso só é possível ao final da luta, quando a poeira baixa e se pode analisar os acontecimentos sem pressa ou paixão. Da guerra aérea nos céus da Iugoslávia extraíram-se algumas lições, relacionadas ao emprego de novos conceitos ou equipamentos. Três delas merecem destaque:

Na USAF, pela primeira vez, UAV (Unmanned Aerial Vehicles - Veículos Aéreos Não-tripulados) operaram integrados a forças de ataque e forneceram alvos para os aviões atacantes. Isso demonstra que o papel desses equipamentos irá crescer, podendo chegar, em um futuro próximo, ao emprego de aeronaves não-tripuladas capazes de executar ações armadas. Isso permitirá o ataque a objetivos altamente defendidos, pois não haverá perda de vidas humanas, obrigando a uma reavaliação dos elementos de decisão envolvidos no planejamento da guerra. Em paralelo, a realização da defesa aeroespacial será afetada, pois os artefatos-robôs poderão operar em envelopes vedados ao ser humano, impondo novos problemas operacionais.

O segundo ponto de destaque foi o sucesso do conceito de reach back operations, extensivamente testado e aprovado. Ele se refere à comunicação entre unidades na linha de frente e os órgãos sistêmicos localizados nos Estados Unidos. De modo geral, essa sistemática era muito usada pelas áreas de Inteligência e de Logística. Através de uma complexa e eficiente rede de comunicações, imagens e dados brutos eram enviados do

teatro de operações aos órgãos centrais, no território americano, para processamento. Comumente, o tempo requerido para que a informação fosse enviada do Kosovo até os Estados Unidos, fosse processada, analisada e voltasse ao teatro, pronta para uso, era da ordem de dez minutos. O êxito desse conceito, inevitavelmente, nos desafia a imaginar seu emprego pela FAB em operações desencadeadas em áreas brasileiras remotas, como a Amazônia.

A terceira vedete da guerra foi a utilização das novas armas guiadas por satélite, as JDAM (Joint Direct Attack Munitions - Munições de Uso Conjunto para Ataque Direto) e as JSOW (Joint Stand-Off Weapons - Armas de Uso Conjunto de Lançamento Afastado). Essas bombas recebem as coordenadas precisas do alvo, são lançadas e corrigem sua trajetória continuamente, recebendo dados do sistema GPS (Global Positioning System - Sistema de Posicionamento Global). Com isso, conseguem alta precisão, reduzindo a quantidade de armamento e, em consequência, de aeronaves necessárias para infligir um determinado grau de dano ao objetivo atacado. A expansão desse conceito pressupõe, indubitavelmente, o domínio da malha de satélites GPS, o que limita sua utilização às forças americanas ou com autorização de seu governo.

Esses três pontos foram destacados pelo Secretário da USAF, Whitten Peters, em uma convenção nacional da Air Force Association. Isso reflete a preocupação daquela Força em desenvolver sistemas integrados, em pensar com um enfoque holístico. Comunicações, armamento e engenhos aéreos são, cada vez mais, visceralmente ligados. Mexer em um deles, normalmente, irá gerar reflexos nos demais. A arte da guerra tem muito de conceber-testar-aperfeiçoar; este ciclo vale tanto para equipamentos como para doutrinas, tendo sido demonstrado no recente conflito do Kosovo. Mas nem tudo foram flores...





Figura 3: Ataque ao complexo hospitalar

A figura 3 mostra a devastação provocada por um ataque aliado ao complexo hospitalar Dragisa Misovic, em Belgrado. O bombardeio provocou uma tempestade de acusações, inquéritos e desculpas. Foi mais um de uma trágica série de erros, tanto de planejamento como de execução. A face sombria da guerra, matando e ferindo inocentes, mostrava-se em sua crueza, lembrando que até a mais avançada tecnologia também tem seus limites.

Na verdade, um dos maiores desafios enfrentados pela OTAN na campanha do Kosovo foi a seleção de alvos. Sem dúvida, as chocantes imagens de civis dilacerados por bombas aliadas prejudicou tremendamente a imagem da OTAN, introduzindo sérias dúvidas, tanto entre os países da coalizão como entre os neutros, acerca da validade, sob a dimensão ética, dos ataques lançados sobre a Sérvia. A excepcional precisão de foguetes e mísseis ainda não é suficiente para distinguir uma garota de 15 anos de um miliciano iugoslavo...

Em conseqüência, com a continuação das operações, notou-se um sensível incremento no nível de preocupação dos planejadores aliados com a obtenção da certeza absoluta acerca da identificação de alvos. De todo modo, por mais trágicos que tenham sido

vários episódios de ataques a alvos civis, a pressão continuou sem cessar, gradativamente amputando os canais de fornecimento de bens e serviços à sociedade iugoslava, imobilizando-a, travando seu metabolismo.

O Poder Aeroespacial foi usado em sua máxima amplitude: alcançar um objetivo político sem colocar nenhum soldado na área conflagrada. Como a resistência esperada à invasão do território iugoslavo por tropas da OTAN era muito alta, decidiu-se empregar os meios aeroespaciais, em caráter maciço, para obrigar Mísolvevic a atender às exigências da aliança. A luta corpo-a-corpo, temia-se, causaria um elevado número de baixas entre as forças da OTAN, podendo erodir o apoio da opinião pública nos diversos países envolvidos e prejudicar o desenvolvimento das ações militares.

Integrando o acervo das aeronaves engajadas na Operação Allied Force, os AMX da Força Aérea Italiana fizeram seu batismo de fogo. Essa aeronave, que também compõe as fileiras da FAB, foi empregada em missões de ataque ao solo, fazendo uso de seus avançados equipamentos de guiagem e mira.

O 103° Gruppo da Aeronautica Militare Italiana lançou seus AMX seguidamente, carregados com bombas de 500 libras dotadas de equipamento de guiagem infravermelha Opher, da Elbit. De modo geral, os AMX italianos ficaram baseados em Amendola, uma base aérea mais próxima do fronte. Cumpriram aproximadamente a metade das missões totais realizadas pela Força Aérea Italiana, atacando concentrações de tropas, baterias de artilharia e carros de combate.

O 103° Gruppo da Aeronautica Militare Italiana lançou seus AMX seguidamente, carregados com bombas de 500 libras dotadas de equipamento de guiagem infravermelha Opher, da Elbit. De modo geral, os AMX italianos ficaram baseados em Amendola, uma base aérea mais próxima do fronte. Cumpriram aproximadamente a metade das missões totais realizadas pela Força Aérea Italiana, atacando concentrações de tropas, baterias de artilharia e carros de combate.



O AMX revelou-se, nos céus da Iugoslávia, um eficaz vetor de ataque à superfície, surpreendendo muitos que não acreditavam nas capacidades do avião. Deficiências foram notadas com relação à instrumentação, radar e sistemas de navegação, incentivando os fabricantes a pesquisarem soluções e aprimoramentos. A fim de aperfeiçoarmos a utilização de nossos A-1 e RA-1, a experiência do emprego do AMX nos céus da Iugoslávia, certamente, é muito valiosa para a Força Aérea Brasileira.



AMX da Força Aérea Italiana

Ampliando a visada, percebe-se que, na campanha do Kosovo, repetiu-se a lição extraída da Guerra do Golfo: o Poder Aeroespacial efetivamente tem capacidade de decidir um conflito. No Golfo, a posterior entrada de tropas no solo iraquiano, mesmo encontrando uma resistência débil e evanescente, justificou a argumentação da necessidade de “botas no terreno”. Segundo essa linha de pensamento, só a presença física de forças militares seria capaz de garantir a decisão de uma confrontação armada.

No Kosovo, porém, os objetivos políticos dos países integrantes da aliança anti-Milosevic foram atingidos apenas através do emprego do Poder Aeroespacial. Sem recair na crença em panacéias, este fato, amplamente provado, atesta a relevância do pensamento de Douhet. O pioneiro, quase um século depois, vê suas idéias plenamente implantadas,

ao pregar a irrefreável supremacia dos engenhos voadores nas futuras guerras.

Além disso, a luta no Kosovo proporciona, para todos aqueles interessados nos assuntos de defesa, a oportunidade de refletir sobre os acontecimentos e projetar a visão à frente. Para nós, da Força Aérea, destaca-se a noção da importância de nos mantermos atualizados com o que se pensa e se faz em outros países. Sem dúvida, as carências da Força são múltiplas, variando na gravidade e na dimensão. Elas desgastam, exasperam; muitas vezes, frustram. Podem desviar o foco de nossa atenção, deixando que episódios passem despercebidos, levando consigo lições valiosas, que poderiam ser usadas por nós.

O horizonte prenuncia um cenário mais promissor para o atendimento das necessidades de reequipamento da Aeronáutica, aspiração de toda uma geração de integrantes da Força. Nesse quadro, é válido considerar a relevância de estabelecer e de manter fluxos de idéias e de informações correndo do ambiente externo para as Escolas, Bases, Parques e demais organizações da Força Aérea. Novas técnicas, conceitos, doutrinas, avanços tecnológicos, enfim, conhecimento que precisa chegar até a mente de nossa oficialidade, para que não empreguemos um avião do século XXI com a cabeça na II Guerra Mundial.

Os tambores de guerra silenciaram nos ensangüentados campos do Kosovo. Gradativamente, as crateras das bombas vão sendo cobertas pela grama e as imagens de ódio, terror e morte se vão esmaecendo. Estejamos certos, contudo, de que, em algum lugar do planeta, neste exato momento, está em gestação um novo conflito, repetindo o milenar processo que vai levar, em meses ou anos, a mais uma explosão de violência, em que estará, talvez no centro do palco, influenciando ou mesmo decidindo a sorte do conflito, o **Poder Aeroespacial**.

